

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

A CARA DA RUA: ENTRE A ÉTICA E A POÉTICA

SESSÃO TEMÁTICA: ARQUITETURA (E) ÉTICA

Daniela Mendes Cidade

Faculdade de Arquitetura / UFRGS

daniela.cidade@ufrgs.br

A CARA DA RUA: ENTRE A ÉTICA E A POÉTICA

RESUMO

O presente trabalho pretende refletir sobre a vida na cidade a partir do olhar de moradores em situação de rua em busca de aproximações entre olhares e corpos, entre ética e poética. A linguagem fotográfica é o meio que desencadeará essa reflexão associada ao conceito de ética segundo a hospitalidade de Jacques Derrida. As imagens dessa reflexão foram realizadas durante a oficina de fotografia *A Cara da Rua* por um grupo de alunos da Escola Porto Alegre, entre eles moradores em situação de rua. Dar lugar ao outro e a alteridade acima de tudo tornam-se princípios para a compreensão e concepção do espaço. Derrida com a hospitalidade apresenta uma obra que nos transmite uma esperança contra totalitarismos. Ele interroga a amizade e propõe repensar a hospitalidade: para ser hospitaleiro deve-se partir da existência de uma morada assegurada. Ou seria tão somente a partir do deslocamento daquele desprovido de abrigo, de morada que pode se abrir a autenticidade da hospitalidade? Para Derrida, talvez só aquele que sofre a experiência da privação de uma casa é que pode oferecer hospitalidade. No contexto urbano quem é o personagem hostil? A fotografia surge para estabelecer uma função de ir além do caráter documental de uma cidade e ir em busca de uma alteridade. Ao propor um percurso pela cidade através da imagem, procuramos abrir as possibilidades de apropriação simbólica da fotografia como ferramenta de conhecimento do outro. As imagens resultantes nos encaminham para uma leitura do conhecimento, da descoberta e do movimento, que passa a discutir a dialética da ausência, do vazio, e de sua possibilidade ética de recuperação através da imagem.

Palavras-chave: Cidade. Fotografia. Hospitalidade. Alteridade

THE FACE OF THE STREETS: BETWEEN ETHIC AND POETICS

ABSTRACT

This paper aims to reflect on life in the city through the eyes of locals on the streets looking for similarities between looks and bodies, between ethics and poetics. The photographic language is the medium that trigger this reflection based on the concept of ethics in hospitality Jacques Derrida. The images selected for this reflection were carried out during the photography workshop *The face of the Streets* by a group of students from the Porto Alegre School, including residents in the streets. Give rise to other and otherness above all become principles for the understanding and design of the space. Derrida with the hospitality presents a work that gives us a hope against totalitarianism. He questions the friendship and proposes rethink hospitality: to be hospitable should be from an existence of a secured residence. That would be so only from the displacement that devoid of shelter, address that can open the authenticity of hospitality? For Derrida, perhaps only one who suffers the experience of deprivation of a home is that it can offer hospitality. In the urban context who the hostile character? The photograph appears to establish a function to go beyond the documentary character of a city and go in search of an otherness. By proposing the city route through the image, we try to open the possibilities of photography symbolic appropriation as other knowledge tool. The resulting images lead us to a reading knowledge, discovery and motion, which goes on to discuss the dialectic of absence, emptiness, and its ethical possibility of recovery through the image.

Keywords: City. Photograph. Hospitality. Otherness

1. A CIDADE COMO ESPAÇO DE TROCAS AFETIVAS

As cidades são um conjunto de várias coisas: de memória, desejos, de sinais de uma linguagem; as cidades são lugares de permuta, como explicam todos os livros de história da economia, mas essa permuta não se reduz apenas a trocas de mercadorias, são trocas de palavras, de desejos, de recordações. (Calvino, 1990, p. 18)

A cidade, constituída como espaço onde circulam as mercadorias e construída segundo as necessidades do capital, não pode mais reduzir as pessoas a fantasmas: umas com medo de circular pelas ruas da cidade, contra outras que as usam como espaço de moradia. A crítica social desapareceu com o modernismo e seu programa utópico baseado na transformação social através do espaço somente avançou em direção a um modelo de produção em série. Porém, ainda podemos pensar o conceito de utopia como uma possibilidade de suportar a vida contemporânea com todas as suas contradições, contrastes sociais, exclusões e desigualdades. Lembro aqui Edson Souza, para estabelecer uma reflexão crítica do espaço da cidade contemporânea com um desejo de desnaturalizar a realidade. Tudo para buscar uma forma de dar corpo a estes fantasmas urbanos. Para Souza, desnaturalizar uma realidade pronta, significa ir contra um modelo de automatismo, um processo de repetição do ontem simplesmente para vencer um medo do amanhã, do desconhecido, daquilo que ainda não foi criado. Um medo que os moradores em situação de rua talvez não sintam quando no desempenho do ato fotográfico.

Portanto, a reflexão que se estabelece aqui traz a linguagem da fotografia como ponto de partida para discutir a cidade¹. O que propomos é lançar possíveis caminhos para uma reflexão sobre a vida na cidade a partir deste olhar de moradores em situação de rua, em busca de um cruzamento, de aproximações entre olhares e corpos, entre ética e poética. Para tratarmos do tema do abandono do sujeito a sua própria sorte nas ruas da cidade e o enfraquecimento dos princípios éticos tomamos como referência o conceito de ética segundo a hospitalidade de Jacques Derrida.

Em sua reflexão sobre o sentido do espaço, Fernando Fuão lembra que não são as relações físicas e concretas as fundamentais. O espaço só existe a partir das relações interpessoais. “Não existe um espaço objetivo, autônomo do ser humano. Existem diferentes maneiras de perceber e compreender esse espaço bruto, lá fora, sem significação, a espera de minha

¹ Este trabalho foi realizado com a participação dos alunos de graduação Fabiano Ávila (Letras, Instituto de Letras/UFRGS) e Luiza Maia Fagundes (Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura/UFRGS) bolsistas PROEXT/MEC-SESu 2015/2016.

chegada” (Fuão, 2004, p.2). A partir disso, o ato fotográfico surge como uma ação que dá sentido ao espaço. Este mesmo ato permite uma certa apropriação do vazio em busca de um lugar. Anne Cauquelin (2008) relaciona o lugar como atributo do vazio incorporal, a partir da filosofia clássica. Segundo ela, existe lugar quando o corpo se revela, onde antes não havia nada. Retirando-se o corpo, o lugar torna-se vazio. A natureza do vazio não possui outro caráter que não seja o da aptidão a tornar-se continente de corpos. Para Cauquelin, é impossível pensar o lugar separadamente do vazio e da presença do corpo, pois o “lugar emerge do vazio como aquilo que repentinamente é ocupado por um corpo, mas esse mesmo lugar volta a ser vazio se esse corpo for subtraído” (Cauquelin, 2008, p. 37). Por isso, de alguma maneira, o lugar também é intangível, sempre prestes a se esvanecer na medida do movimento dos corpos, de suas idas e vindas. “Efêmeros, imponderáveis, os lugares também são incorporais, assim como sua antítese, o vazio. Eles surgem e se dissolvem, segundo as determinações dos corpos que eles contentam em enquadrar” (Cauquelin, 2008, p. 38).

Em 1961, Jane Jacobs publicou *Morte e vida das grandes cidade*, um verdadeiro manifesto sobre a aparente morte das cidades pela transformação urbana. Ao discursar contra as noções modernistas de megalópolis, na qual a proposta de Le Corbusier de *Ville Radieuse* é o principal exemplo, a autora atribui um caráter de corpo, de organismo à cidade em crise, desesperadamente necessitada de atendimento médico. Algumas zonas urbanas em particular são chamadas de “áreas amputadas que desenvolvem tipicamente uma gangrena galopante”, tão esquecidas que “nem toda a ajuda da arte e da ciência do planejamento urbano são suficientes para evitar a decadência”. Apesar das referências à decadência estarem sempre presentes em seu trabalho, a autora é otimista em seus prognósticos. A “morte” da cidade só é admitida na medida em que uma reação contrária, um renascimento, é aceita. Esse renascimento é baseado na ideia de uma antropofagia simbólica e positiva, ou seja: um esforço da comunidade em se autoconsumir para preservar a diversidade em bairros onde a mistura e o intercâmbio aconteçam, preservando o caráter local de suas ruas. Se o tempo torna certas estruturas obsoletas para algumas necessidades e depois permite que essas estruturas se abram para outros usos, poderíamos incorporar novas formas de apropriação do espaço da rua em busca da transformação dos espaços abertos como espaços de vida em sentido mais amplo, aquele que envolve a aceitação sem preconceito de pessoas que dela necessitam para trabalhar, morar e se relacionar com a sociedade?

O determinismo tecnológico das técnicas de construção e sua conseqüente decadência tem a ver com as mudanças citadas por Jane Jacobs, e que Lefèbvre, em *O Direito à Cidade* classifica um como processo de mão dupla: enquanto promove o desenvolvimento, provoca

também uma certa violência, ao se apropriar dos espaços urbanos conforme as necessidades de progresso. Desta forma, exclui qualquer possibilidade de uso do espaço aberto como espaço de vida. Ao mesmo tempo em que o “processo de duas vias” ou “duas mãos” provoca uma descontinuidade, Lefebvre afirma que a cidade também “trabalha”, ou seja, funciona como uma obra aberta. A visão da cidade como obra é uma celebração. A pergunta que surge: esta relação dialética pode ser aplicada à vida das pessoas no espaço da rua? Esta dialética, mesmo em se tratando de um espaço “público”, traz a alternância da propriedade e do impróprio, da propriedade, da apropriação, e do inapropriado. A busca por um lugar, no entanto, não aparece aqui como um desejo de obter uma propriedade nos moldes tradicionais. Pensamos o espaço da cidade como lugar segundo o conceito de hospitalidade de Derrida: dar lugar ao outro; a alteridade acima de tudo como princípio para compreensão e concepção do espaço.

2. Ética e poética

Derrida, através do conceito de hospitalidade, apresenta uma obra que nos transmite uma esperança contra totalitarismos. Ele interroga a amizade quando transforma a hospitalidade em hostilidade, esse limiar que faz do anfitrião ao mesmo tempo um refém do hóspede, em uma situação onde pode haver o desencadeamento de um processo múltiplo de desentendimentos. E propõe repensar a hospitalidade: para ser hospitaleiro, deve-se partir da existência de uma morada assegurada. Em suas palavras, “talvez unicamente aquele que suporta a experiência da privação de casa pode oferecer a hospitalidade” (Derrida, 2000, p.23).

Conforme Fernanda Bernardo (2002), para Derrida a hospitalidade pura ou incondicional não é um conceito jurídico ou político, mas sobretudo ético. Bernardo, a partir de Derrida, diz que a ética da hospitalidade está na base de uma reelaboração crítica do conceito de Estado e de cidadania: “o tema da hospitalidade concentra nele as urgências mais concretas, e as mais próprias para articular a ética ao político” (Bernardo, 2002, p. 432). Derrida reconstrói o sentido da hospitalidade em busca de uma heterogeneidade revendo o seu conceito na história, pois sua herança alcança mais de uma tradição. A hospitalidade, em sua herança bíblica, significa para Derrida acolher o outro de uma injustiça numa cidade-refúgio, onde a lei da hospitalidade incondicional está acima das leis, pois acolhe o outro independente de uma lei instituída pelo estado. Por ser independente de uma legislação, a incondicionalidade da hospitalidade ou do acolhimento transforma-se em asilo. Derrida lembra a passagem bíblica onde Deus ordena a Moisés a criação de cidades-

refúgio, que se transformam em asilo para acolher a todos os que eram perseguidos. Dessa forma, incluía-se o direito de residência, dando a possibilidade do acolhido passar a morar na cidade-refúgio. Como cidadão, e entre cidadãos. (Bernardo, 2002). No entanto, a resposta incluída no conceito de desconstrução de Derrida, permite que nesse acolhimento, para ele que seja realmente incondicional, é transformar o estrangeiro, o recém-chegado, em um cidadão. Para tanto, é preciso vê-lo como um cidadão do mundo, sendo ele mesmo concebido a partir do seu acolhimento como estrangeiro absoluto ou visitante inesperado. Ou seja, hospitalidade em condição de exílio, e cidade como um refúgio. Para as pessoas em situação de rua, o elementar refúgio.

A outra herança do conceito de hospitalidade segundo Derrida está relacionada ao cidadão como um ser político pertencente a um território, a partir do pensamento da filosofia da Grécia antiga. O estrangeiro é acolhido e tem direito a hospitalidade, como um dever, mas continua em sua condição de estrangeiro. A hospitalidade é condicional, pois é um direito limitado comparado aquele que é do lugar, o não estrangeiro. Da mesma forma, no pensamento kantiano, o direito do “recém chegado” não deve ser incondicional. “Universal, a hospitalidade kantiana é a hospitalidade do cidadão: está portanto sujeita à legislação estatal de que, de todo, depende. Embora universal, é uma hospitalidade interestadual: são os Estados que devem definir e outorgar as leis da hospitalidade” (Bernardo, 2002, p. 436). Excluiu-se aqui o conceito de hospitalidade como “direito de residência” universal, limitando-a como “direito de visita”. O direito de residência passa a ser um objeto definido pelos estados. Para Derrida, a “hospitalidade da cidade ou a hospitalidade privada são dependentes e são controladas pela lei e pela polícia do Estado” (Bernardo, 2002, p 436). A hospitalidade universal, a partir do pensamento kantiano, é uma hospitalidade jurídico-política, pensada e instituída a partir da polis. Portanto, um direito condicionado pela soberania do estado, podendo o cidadão estrangeiro ser aceito, ou mesmo recusado. Em resumo, o princípio da hospitalidade deseja uma acolhida sem restrição, mas para tornar a acolhida efetiva e concreta são impostas certas condições “que transformam o *dom* em contrato, a abertura para o pacto policiado; daí os direitos e deveres, as fronteiras, daí as leis” (Derrida, 2004, p.249). Para Derrida, o incondicional e o condicional são dois sentidos da hospitalidade que não são simples oposições. Quando o incondicional se coloca em contraponto com o condicional, para efetivar a hospitalidade sempre será “preciso inventar as melhores disposições, as menos más condições, a legislação mais justa” (Derrida, 2004, p.250). Derrida está se referindo aqui especificamente ao processo de imigração. Porém, a condição policiada também é a mesma para quem ocupa o espaço público também para nele dormir.

O lugar onde acontece a hospitalidade está sempre “por vir”, é a falta de um lugar próprio, delimitado, com localização precisa. A hospitalidade está sempre em construção e inacabada. O sentido de construção de um lugar a partir da hospitalidade não é o da arquitetura no sentido físico, mas no sentido ético. Conforme Nuno Higinio, na relação topográfica com a hospitalidade, o bom cidadão ocupa o seu lugar quando sabe receber o que acaba de chegar e o que está por chegar. No entanto, esse dever é apenas um aspecto ético-político da hospitalidade. “A hospitalidade primordial não encontra o seu lugar pleno e definitivo em nenhum lugar, mas está sempre a deslocar-se e diferindo para outro lugar, o lugar do outro, do que, em absoluto, não tem lugar” (Higinio, 2010, p.30).

Já a fotografia pode construir outros lugares que vão além daquele que ela projeta em imagem e inventar um lugar que rompe com a sua ordem (do espaço ou da vivência) criando uma outra relação. Esta seria a relação poética. Para Derrida a hospitalidade não está simplesmente voltada para uma questão ética. Antes, ela requer uma arte ou uma poética: “um ato de hospitalidade não é mais que um ato poético” (Derrida, 2004, p.250).

O sentido ético que encontramos em Derrida a partir do princípio de hospitalidade e da singularidade como um ato poético nos faz pensar a fotografia como um ato em busca da alteridade, em busca da construção de um lugar capaz de incorporar a diversidade que se encontra no espaço da cidade.

3. A Cara da Rua - “Curso de Fotógrafo”

“Encontrei Adriano perto da praça do Capitólio, indo no sentido contrário ao da Escola. Ele precisava trabalhar naquele dia, e por isso não ia para ‘curso de fotógrafo’, conforme as palavras dele ao me apresentar para o amigo que também mora nessa mesma praça.” A Cara da Rua – oficina de experimentação fotográfica², que Adriano chama de “curso de Fotógrafo”, é uma ação de extensão que coloca o objetivo principal na formação do sujeito como cidadão e busca a reflexão de forma indireta sobre o lugar como espaço da hospitalidade e hostilidade, de acolhimento e exclusão, simultaneamente. Curso de fotógrafo: linguagem e sujeito se confundem no processo de formação dessa população.

Viver em situação de rua, como diversos moradores das ruas da cidade de Porto Alegre/RS, é uma questão a ser profundamente discutida e refletida para além dos espaços onde este assunto é tema. Este grupo, em situação de vulnerabilidade social, necessita ser visto como

² A oficina de Experimentação Fotográfica é uma atividade da Ação A Cara da Rua do Programa de Extensão Universidade na Rua, PROEXT/UFRGS integrante do Edital PROEX/MEC – SESu 2015-2016.

pertencente de uma sociedade. Tratar este morador como se fosse um estrangeiro indesejável em sua própria terra, poderia ser considerado um ato xenofóbico. Se ele é visto como alguém que não pertencente àquela cultura, que ocupa um lugar que não é o seu por direito, significa o mesmo que reiterar as divisões sociais incrustadas em nossa sociedade, a exclusão do diferente. É importante ter em mente que este morador que vive na rua, nem sempre está nesta posição de vulnerabilidade social por sua própria vontade. Há de se considerar fatores socioeconômicos, como o desemprego, violência, dogmatização, preconceito de raça, que o transforma em situação desfavorável com relação ao restante da população. Então, pode-se perceber que não há uma hospitalidade capaz de abarcar este grupo social, que está à mercê de sua própria sorte. Perdido entre ruínas de uma sociedade excludente que o prende em uma estigmatização tão profunda, que o mantém em estado de permanente transe, e o faz perder a capacidade de perceber seu redor. Assim, ele se esconde dentro de si mesmo, e constrói sua morada em seu próprio interior. O fato de a exclusão social ser usada como um método para manter a hegemonia do poder nas mãos de poucos, contribui, também, para controlar os círculos sociais, mantendo uma hierarquia que renega os grupos que se encontram na periferia da pirâmide social.

Dentro das reflexões citadas acima, o Projeto A Cara da Rua - Oficina de Experimentação em Fotografia se propôs a um contato direto com essa parcela da população excluída e marginalizada na sociedade. O objetivo é abranger tanto um projeto artístico, através da fotografia, quanto o da reflexão da cidadania e dos direitos de pertencimento na sociedade e na cidade, de poder transitar e ser reconhecido como todos que ali habitam. Esta oficina de fotografia aconteceu entre os meses de setembro e dezembro de 2015 na escola Porto Alegre, semanalmente, no turno inverso ao da aula. Ocorreram momentos teóricos sobre o funcionamento dos equipamentos fotográficos digitais, câmeras portáteis e semi-profissionais, pesquisa na internet sobre fotógrafos conhecidos, e contatos com livros diversos de fotografia, para ampliar o aporte de conhecimento da imagem fotográfica. Como a imagem fotográfica tem a capacidade de descrever de forma visual a conclusão dos fatos do cotidiano, com isso pode-se dizer que é possível entender o presente e o passado através do ato fotográfico e seus desdobramentos.

A decisão tomada para deixar o processo dinâmico, e para trabalhar com a população em situação de rua, foi a de utilizar a informação e o conhecimento sobre fotografia de forma visual, - pois é relevante salientar que os alunos da escola Porto Alegre estavam em séries iniciais de ensino do EJA (Ensino de Jovens e Adultos). Os encontros tinham um período curto de tempo, pois ao se propor uma atividade artística e de reflexão para com a população em situação de rua é importante ressaltar que o tempo e o espaço são distintos

para este grupo, com relação ao restante da sociedade. O Foco, a atenção, a paciência destes alunos são fatores a serem considerados, para que haja qualidade e ética no trabalho junto a este grupo social vulnerável. Isto significa respeitar as capacidades, as suas demandas e suas vontades. A arte, por excelência, respeita o tempo de maturação de uma obra, ela é uma cria do tempo e do ócio criativo. Portando, houve a tentativa de manter ao máximo uma harmonia na forma de aprendizagem dos elementos com os quais foi desejado que os alunos entrassem em contato com a linguagem da fotografia Isto significa, também que no auxílio da aprendizagem, para além do projeto A Cara da Rua, a fotografia tem a capacidade de contribuir para o reconhecimento do mundo no qual vivemos. Assim também para entender, de forma poética, política, histórica e social os acontecimentos do nosso tempo.

O processo de construção do conhecimento, incluindo o estudo teórico, sobre a fotografia e a imagem, foram desenvolvidos basicamente através da prática, utilizando a sala de aula da escola e o pátio para momentos de descobrimentos das câmeras fotográficas. Cada aluno do curso tinha sua forma de ver e refletir o mundo e de construí-lo. Dito isto, partimos destas reflexões para realizar as atividades do projeto A Cara da Rua. Ali, a troca de conhecimento gerados transcenderam quaisquer expectativas que estavam previstas sobre os resultados obtidos na oficina. Também foram realizadas saídas de campo pelo centro de Porto Alegre/RS para fotografar, objetivando uma prática mais aprofundada com o equipamento. Assim, tornou-se interessante vivenciar o processo de compreensão do espaço urbano e seu tempo, pela ótica da imagem. Só ela é capaz de nos mostrar de maneira mais direta e objetiva a visão poética da cidade na qual transitamos e, muitas vezes não percebemos por inteiro, ou de forma sensível, como o fizeram os moradores em situação de rua ao captar estas nuances. Muitas imagens registradas traziam à tona a morada dos alunos, e seus companheiros de vivencia na rua. Deste período de encontros da oficina foi obtida uma grande quantidade de imagens produzidas, em torno de 2000, e junto aos alunos foi feita a pré-seleção das melhores fotos obtidas Houve a produção de uma série fotográfica, que terminou sendo impressa como cartão postal. Na mesma condição de alguém que utiliza a arte para transformar sua experiência com a cidade em imagem, esta população em situação de vulnerabilidade social também pode experimentar vivenciar a arte e pô-la em prática.

4. Fotografia e alteridade: uma certa possibilidade impossível

A fotografia estabelece uma função de ir além do caráter documentário de uma cidade concebida por esse grupo de alunos da EPA, mas ela também pode ser lida como uma forma de reconhecimento do espaço, de habitação, de lugar, de interior e exterior. Ao propor um percurso pela cidade através da imagem, procuramos abrir as possibilidades de apropriação simbólica da fotografia como ferramenta de conhecimento do mundo, caminho para chegar a um outro sentido do espaço, tempo e lugar. O ato fotográfico também é um deslocamento dentro do próprio espaço de vivência: o ato oferece um lugar mais justo ao hóspede - morador em situação de rua - e receber esse hóspede é preparar um lugar, construir e substituir por outro modificando-o pela sobreposição de um ato inesperado e sentir-se acolhido. A chegada do outro acontece com a câmera na mão. Conforme Fernanda Bernardo (2002), “a lógica do acontecimento, no contexto derridiano, coincide com a hospitalidade entendida como vinda do outro – como acolhimento da vinda do que só inesperadamente vem ou nos visita.” As imagens resultantes da vivência na atividade de extensão nos encaminham para uma leitura do conhecimento, da descoberta e do movimento, que passa a discutir o lugar do outro com a dialética da ausência, do vazio, e de sua possibilidade de recuperação através da imagem. A fotografia reconstrói a condição de ausência, de exclusão em uma cidade separada. O avesso, o vazio, a sobra, nos fazem chegar ao conhecimento e à reflexão sobre o sentido do espaço, ou sobre a cidade e o lugar a partir do olhar destes moradores de rua.

Ainda que o significado de hospitalidade possa estar vinculado a espaço físico, cada vez mais entende-se a relação entre o ser e o conceito de abrigar. Quando vivemos em uma cidade onde há muitas pessoas em situação de rua, o “não lugar” passa a ser recinto de hospitalidade, reforçando a relação entre hospede e hospedeiro, e vinculando-se as relações interpessoais. Tudo sobre a relação hospedeiro-proprietário x hospede-desabrigado. Ilustra-se tal reflexão com o seguinte acontecimento:

Durante a primeira edição da ação A Cara da Rua, entre encontros produzidos para fotografar e rodas de discussões, foram produzidos cartões postais, que cada integrante, após recebe-los, poderiam dar o destino que decidissem aos cartões. Dentre determinadas opções, um dos integrantes da oficina, chamado Dom, decidiu presentear aqueles que moravam no entorno da praça, que era considerada seu lar. Assim, o ato de presentear seria uma forma de agradecer aqueles que agem com hospitalidade diante da situação de vulnerabilidade social em que ele se encontrara.

Dom poderia ser visto somente como errante/desabrigado. Entretanto, o cartão destinado a uma de suas vizinhas foi acompanhado com a anotação ‘Para minha amiga Paola, Mc

Dom.' ao lado da dedicatória, um olho foi desenhado. Ele representava, segundo as palavras do próprio Dom, uma símbolo que significava cuidado e hospitalidade:

-Aviso que este olho significa que, sempre que ela estiver na rua, eu vou estar de olho, cuidando.

Tal texto desconstrói o conceito de hospitaleiro/hospitalidade tradicional: a partir do olho desenhado, Dom – pessoa em situação de rua – através de seu cuidado, torna-se hospitaleiro, e sua vizinha, locatária, errante/desabrigada.

Estas imagens podem ser lidas como resultado que vai além de uma relação se estabelece entre corpo e espaço, e que coloca o meio urbano como instrumento de constante análise e crítica do sentido do lugar e da integração social. Na relação imagem e movimento como forma de apropriação do espaço, a fotografia transforma-se em uma maneira de inserção social, transfigurando-os em *figura-figura*. Diferentemente da concepção de figura-fundo utilizada por muitos urbanistas como um dos instrumentos de análise da cidade, onde a pessoa é dissociada do espaço. O espaço aberto da cidade deixa ser um vazio, e a imagem fotográfica trabalha como catalizador de um processo de recuperação de ausências e insere o ser humano em uma determinada perspectiva: espaço e vida.

A reflexão feita sobre o processo poético, construído pelo projeto A Cara da Rua , assim como para sua continuação, torna-se importante ao ultrapassar alguns relatos das experiências vivenciadas e se propor compreender as dificuldades sociais e políticas da população em situação rua. É importante perceber o grau estético e artístico resultante desta. Propor a eles que fossem os protagonistas das ações, também foi uma preocupação do projeto, para mantê-los atuantes em toda a realização da proposta com a fotografia. Sempre permeou no pensamento e no acordo dos ministrantes da oficina foi a intenção de dar voz e vez ao morador em situação de rua, para retratar a sua vida pela ótica do "estado de lutar". Tentamos mostrar aquilo que, às vezes, é imperceptível aos olhares desatentos, de alguém preocupado com o seu ir e vir, e que torna-se o desafio cotidiano da luta de todos. Contra qualquer preconceito. Perceber e refletir sobre o outro, aquele que pode estar ao lado e invisível, é um pilar importante a ser construído, para possibilitar o fim da desigualdade social. Em uma sociedade onde há tanta injustiça, viver já representa um ato de resistência.

BIBLIOGRAFIA

Bernardo, Fernanda. A ética da hospitalidade, segundo J. Derrida, ou o porvir do cosmopolitismo por vir a propósito das cidades-refúgio, re-inventar a cidadania(II). 2002. http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/a_etica_da_hospitalidade_II. Acesso em 10 maio 2016.

Calvino, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Cauquelin, Anne. *Frequentar os incorporais: contribuição a uma teoria da arte contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Derrida, Jacques. *L'Hospitalité*. Paris: Gallimard, 2000.

Derrida, Jacques. *Papel-máquina*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

Fuão, Fernando. *O sentido do espaço: em que sentido, em que sentido?* 2004. <http://www.fernandofuao.arq.br/textos/sentido.pdf>. Acesso em 02 março 2016.

Higino, Nuno. Álvaro Siza: desenhar a hospitalidade. Matosinhos: Casa da Arquitetura, 2010.

Jacobs, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.